

DESIGN DE SUPERFÍCIE E A REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NEGRAS: UM ESTUDO DE CASO DA OBRA DE GOYA LOPES TRABALHO

*Surface design and the representation of black women:
a case study of the work of Goya Lopes*

Aquino, Edvânia dos Santo; Graduação; Universidade Federal de Pernambuco, edvania.aquino@ufpe.br ¹
Lopes, Maria Teresa; PhD; Universidade Federal de Pernambuco, teresa.lopes@ufpe.br ²

Resumo: Este trabalho analisou a participação de mulheres negras no design brasileiro, abordando a elitização do design no país e a ausência dessas mulheres na história do design nacional. Utilizou a obra e produção de Goya Lopes como estudo de caso para enfatizar a importância da representatividade de mulheres negras na área.

Palavras chave: Mulheres negras; design; Goya Lopes

Abstract: This work analyzed the participation of black women in Brazilian design, addressing the elitization of design in the country and the absence of these women in the history of national design. It used the work and production of Goya Lopes as a case study to emphasize the importance of the representation of black women in the area.

Keywords: Black women; surface design; Goya Lopes

Introdução

Esta pesquisa aborda a ausência de mulheres negras no design nacional. A investigação revela que o design tem sido historicamente dominado por uma perspectiva masculina, branca e europeia, e até mesmo a implementação da profissão no país, com a chegada da primeira escola de design no Brasil, a ESDI, que inicialmente também reforçou essa exclusão. A ausência de mulheres negras no campo motivou a pesquisa, levando ao encontro com Goya Lopes, cuja obra no design de moda nacional destaca-se pela riqueza visual e conceitual. O trabalho de Goya Lopes serve como uma referência importante para futuras designers negras. Desta forma, o problema de pesquisa tem como ponto de partida a falta de valorização e visibilidade do trabalho de mulheres negras no design brasileiro. Esta invisibilização tem raízes na própria história do design, construída e narrada por um olhar masculino, branco e quase sempre eurocêntrico.

¹ Edvânia dos Santos Aquino. Possui graduação em Design pela Universidade Federal de Pernambuco (2023).

² Maria Teresa Lopes, Pós-doutorado em semiótica pela Université Sorbonne, Paris 1. Doutora pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com Sanduíche na Université Sorbonne, Paris 1. Pesquisadora nas áreas de Formação do Olhar, Semiótica, Sociologia e Política aplicadas as discussões sobre emancipação feminina, a moda e o design. Mestrado em Design da Informação pela UFPE.

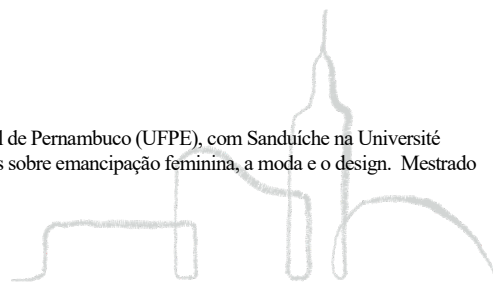


Figura 1 – Documentário Goya Lopes: Coragem de criar.



Fonte: Goya Lopes (2022).

Em território brasileiro, o design surge em um contexto ainda mais segregado. Na ESDI (Escola Superior de Desenho Industrial da UERJ), primeira escola de Design do Brasil, não só o corpo docente do curso de design, mas os próprios discentes eram rigorosamente selecionados. De acordo com Braga (2016), com este rigor a ESDI aspirava se aproximar da elite, uma forma de implementar a profissão no Brasil.

Desde a fundação da ESDI, em 1963, muito aconteceu no design e na sociedade brasileira, sendo, portanto, complexo determinar exatamente o quanto a aproximação da ESDI com a elite impactou o design no Brasil. Não seria exagero, no entanto, pontuar como essa aproximação com a classe dominante aproximou o design de um recorte específico de classe e de gênero, enquanto o afastou de outros. O certo é que até hoje paira sobre a profissão uma visão do design como algo pertencente à elite: é como se fosse sofisticado cursar design no Brasil. É neste contexto de exclusão que encontramos a ausência de mulheres negras no design.

Na tentativa de preencher essa ausência, esta pesquisa se apoiou no trabalho e na vida de Goya Lopes, mulher preta, baiana e designer de moda. Embora o trabalho de Lopes esteja relacionado ao design de moda, basta analisar atentamente as suas obras para perceber a riqueza visual das estampas assinadas pela designer e artista. Há uma riqueza conceitual, plástica e de caráter ancestral, com significados técnicos e visuais, que podem e devem ser referência. Considerando as dificuldades de se encontrar registros históricos especificamente sobre a produção de mulheres negras no design, a obra de Goya aparece como referência para o trabalho de outras mulheres na área do design e das artes aplicadas.

Primeiro, buscou-se apresentar um panorama histórico de como as mulheres negras são retratadas na sociedade em geral e na história do design em específico. Passando desde o período escravocrata até o momento contemporâneo, explorando as violências sofridas por essas mulheres nesses contextos, mas sem esquecer que a história das mulheres negras vai muito além dessas questões. Assim sendo, Bell Hooks (2015) é uma referência para discutir a condição social das mulheres negras, trazendo a visão de Hooks para o recorte brasileiro. Para isso foram utilizados dados do IBGE sobre a escolaridade, trabalho, horas de trabalho e remuneração das mulheres negras. Discutimos a história do design,

a falta de referências femininas nas disciplinas de História do Design, o domínio de referências masculinas e europeias, como também as problemáticas do surgimento do design no Brasil a partir da ESDI na década de 1960.

Mulheres negras: a sociedade e o design

É comum ao pensar no papel da mulher negra na história, pensar unicamente no período escravocrata, nas mulheres escravizadas que trabalhavam nas lavouras e na casa grande. Mulheres que foram traficadas, vendidas e exploradas de todas as formas possíveis, onde não havia distinção de gênero para o trabalho braçal nas plantações, mas que diferente dos homens, estas ainda eram submetidas a abusos sexuais e torturadas também durante a gestação onde muitas não sobreviviam até o parto. É necessário entender que a história das mulheres negras data de muito antes do período escravocrata, mas que, ainda assim, esse período e suas consequências continuam sendo parte extremamente importante para entendermos qual lugar a mulher negra ocupa hoje na sociedade e o porquê.

Como grupo, as mulheres negras estão em uma posição incomum nesta sociedade, pois não só estamos coletivamente na parte inferior da escada do trabalho, mas nossa condição social geral é inferior à de qualquer outro grupo. Ocupando essa posição, suportamos o fardo da opressão machista, racista e classista. Ao mesmo tempo, somos o grupo que não foi socializado para assumir o papel de explorador/opressor, no sentido de que não nos permitem ter qualquer "outro" não institucionalizado que possamos explorar ou oprimir. (Hooks, 1998).

A mulher negra ainda é vista como um ser inferior, não sendo permitida as mesmas oportunidades conferidas às mulheres brancas e aos homens, e enfrentando obstáculos impostos por uma sociedade opressora, machista, racista e classista. Uma pesquisa do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, divulgada em março de 2018, mostra um notável avanço das mulheres de 25 a 44 anos de idade em relação aos homens, na conclusão do ensino superior. O percentual de mulheres que concluíram a graduação é de 21,5%, enquanto o percentual dos homens é de apenas 15,6%. No entanto, quando feito um recorte racial, as mulheres negras ocupam uma posição 2,3 vezes inferior às mulheres brancas, tendo apenas 10,4% completado o ensino superior. A mesma pesquisa também aponta que em 2016 mulheres trabalhavam 73% mais horas em atividades domésticas que os homens, essa porcentagem é ainda maior no norte e nordeste do país, com cerca de 80% mais horas que os homens. Fazendo um recorte racial, mulheres pretas e pardas dedicam 18,6 horas semanais para atividades voltadas ao lar.

Entende-se que história é uma sequência de fatos classificados como importantes, por isso, nenhuma história pode ser considerada uma verdade absoluta. Essa seleção de fatos é feita a partir dos valores e visões de mundo de cada indivíduo, “ou grupo de indivíduos”. Rafael Cardoso (2008) nos apresenta uma nova visão sobre o que é história:

A história não é tanto um conjunto de fatos, mas um processo contínuo de interpretar e repensar velhos e novos relatos, constatação esta que leva a uma indagação de fundamental importância: repensar o passado para quê? (CARDOSO, 2008, p.17)

Sabendo que a história não é uma sequência de fatos, mas um processo de construção, fazendo-se necessário repensar e reinterpretar, já que toda ela sempre estará ligada às visões e vivências de seu orador, não é difícil entender a falta de referências femininas, uma vez que a maioria dos autores que contam a história do design são homens brancos, como podemos observar na Figura 1, a ementa da disciplina de História do design do curso de design da UFPE-CAA.

Figura 2: Lista Bibliográfica - Disciplina história do design UFPE/CAA

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
 BURDEK, Bernhard E. Design: historia, teoria e prática do design de produtos. Sao Paulo: E. Blucher, 2006.
 CARDOSO, Rafael. O design brasileiro antes do design. Sao Paulo: Cosac Naify, 2005.
 HOLLIS, Richard. Design Gráfico: uma historia concisa. Sao Paulo: Martins Fontes, 1994.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
 CARDOSO, Rafael. Uma introdução à história do design. 2. ed., rev. e ampl. São Paulo: Edgard Blücher, 2004.
 FORTY, Adrian. Objetos de Desejo. Sao Paulo: Cosac Naify, 2007.
 LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer. Novos fundamentos do design. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.
 MEGGS, Philip G. História do design gráfico. Sao paulo: cosac & naify, 2009.
 POLLINI, Denise. Breve história da moda. São Paulo: Clarendon, 2009.

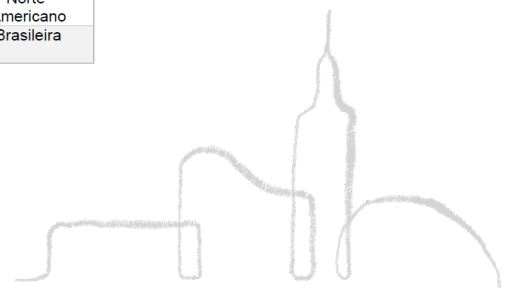
Fonte: Ementa da disciplina história do design UFPE/CAA

É importante esclarecer que no curso só é permitido usar referências das literaturas presentes em sua biblioteca. Com isso foi feita uma análise para identificar os autores presentes tanto na bibliografia principal da disciplina, quanto na complementar. Assim, todos os nomes mencionados foram examinados. No total, foram identificados 7 autores distintos. Esses autores foram classificados segundo o sistema de declaração étnico-racial do IBGE, que utiliza as seguintes categorias: brancos, pretos/pardos, amarelos e indígenas. Os dados foram organizados em uma planilha, contendo o título das obras e os respectivos autores, distribuídos nas seguintes categorias: nome, gênero, cor/raça e país de origem. Em seguida, foi feita uma busca online para reunir informações sobre a origem de cada autor, incluindo fotos sempre que possível. Com base na naturalidade dos autores e nas imagens encontradas, realizamos um processo de heteroidentificação para preencher os dados sobre cor e raça na tabela. Como podemos observar no Quadro 1 abaixo.

Quadro 1 – Lista Bibliográfica - Disciplina história do design UFPE/CAA

Título	Autor	Gênero	Raça	Nacionalidade
Design: história, teoria e prática do design de produtos	BURDEK, Bernhard E.	Masculino	Branco	Alemão
O design brasileiro antes do design	CARDOSO, Rafael.	Masculino	Branco	Brasileiro
Uma introdução à história do design				
Design Gráfico: uma história concisa.	HOLLIS, Richard.	Masculino	Branco	Britânico
Objetos de Desejo.	FORTY, Adrian.	Masculino	Branco	Britânico
Novos fundamentos do design.	LUPTON, Ellen.	Feminino	Branca	Norte-Americana
História do design gráfico.	MEGGS, Philip G.	Masculino	Branco	Norte-Americano
Breve história da moda.	POLLINI, Denise.	Feminino	Branca	Brasileira

Fonte: As autoras (2023).



Partindo desse conceito de história trazido por Cardoso (2008), e entendendo de que olhar essa história está sendo contada é que vamos falar um pouco sobre a história do design que tem início na Revolução Industrial, onde começam os primeiros passos no processo de institucionalização do design. A primeira Revolução Industrial que ocorreu na Inglaterra foi um marco histórico que exerceu grande impacto sobre a sociedade, devido a uma série de mudanças nos meios de fabricação. A necessidade de produção em larga escala fez-se necessário ter um profissional capaz de projetar artefatos para serem produzidos de forma mecânica. A presença das mulheres no campo do design teve início com a criação da primeira escola de ensino superior de design no mundo: a Bauhaus. Fundada em 1919 na cidade de Weimar.

Segundo Braga (2016): “Os ideais modernistas chegaram ao Brasil no início dos anos 1920, promovidos por intelectuais, artistas e arquitetos, e foram consumidos por uma restrita burguesia”. Essa fala de Braga nos faz perceber por quem e para quem o design no Brasil foi pensado. No entanto, a formação desses profissionais teve início na década de 1950 do século XX. A arquiteta Lina Bo Bardi é um dos primeiros nomes femininos a aparecer na história do design brasileiro, por ter seu nome à frente do projeto do Instituto de Arte Contemporânea (IAC).

Contudo, somente em 1963, é fundada a Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) no Rio de Janeiro, sob influência de metodologias da escola de Ulm (Escola Superior da Forma) alemã. Sabendo que a abolição da escravidão aconteceu no Brasil somente no ano de 1888 - após quase quatro séculos de escravidão - é, portanto, simples chegar à conclusão que as falas de Braga, “restrita burguesia” e “seleção dos alunos era rigorosa e seletiva”, referem-se à uma elite branca.

Apesar da fala de Hooks ser sobre as vivências de mulheres afro-americanas, ela também traduz a vivência de mulheres negras no Brasil. Assim como afirmam Marcondes et al (2013).

“As discriminações de raça e gênero produzem efeitos imbricados, ainda que diversos, promovendo experiências distintas na condição de classe e, no caso, na vivência da pobreza, a influenciar seus preditores e, conseqüentemente, suas estratégias de superação. Neste sentido, são as mulheres negras que vivenciam estas duas experiências, aquelas sempre identificadas como ocupantes permanentes da base da hierarquia social.” (Marcondes et al. (2013) pág 109)

Essa situação nos faz compreender a posição social que ocupamos e o porquê de haver tão poucas participações de mulheres negras catalogadas nas bibliografias do Design brasileiro.

Goya Lopes

Em contato direto com a sua própria cultura, memórias, ou em uma constante pesquisa de referências, o designer constrói o seu trabalho. Estabelecendo o que Denis (1998) destaca como algo natural para o designer: projetar a si mesmo nos projetos, reproduzindo neles o que permeia a cultura, a sociedade, a sensibilidade do designer diante do que está ao seu redor. Essas questões estão retratadas na obra de Goya. Utilizando de memórias individuais e coletivas, Goya

faz uma projeção de si mesma em seus grafismos: tradições, lendas, ideias, crenças e valores de seus ancestrais, destacando a cultura afro-brasileira e a cultura baiana. Goya Lopes é mulher, negra, baiana, empresária, autora, pesquisadora, artista e designer. Uma artista de uma sensibilidade refinada e uma designer de formação do olhar plural, as estampas de Goya têm narrativas construídas visualmente e que nos contam histórias e memórias a respeito da nossa identidade. São estampas fundamentadas no olhar, na pesquisa, nas vivências e na interpretação de Goya.

Maria Auxiliadora dos Santos Goya Lopes, nascida em Salvador, Bahia, filha de Hamilton Jesus Lopes, um engenheiro da Petrobrás, Goya teve uma infância que lhe proporcionou oportunidades únicas. Aos sete anos, durante uma especialização de seu pai, ela morou em Paris por um ano. Foi lá que recebeu seu primeiro grande incentivo artístico, quando uma professora identificou a singularidade de seus desenhos e sugeriu aos seus pais que apoiassem seu talento.

De volta a Salvador, aos onze anos, Goya começou a ter aulas com Marisa Gusmão, professora da Escola de Belas Artes da Bahia. Marisa foi fundamental na introdução da cultura popular no repertório de Goya, enriquecendo sua visão artística. Este contato inicial com a cultura popular baiana influenciou profundamente seu trabalho subsequente. Posteriormente estudou pintura com Euler Cardoso e ingressou na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, onde aprofundou seus conhecimentos artísticos. Em busca de novas perspectivas e inovação, mudou-se para a Itália para estudar design, considerada a profissão do futuro. Trabalhou como freelancer em arte e moda, no Brasil, criando estampas para diversas empresas; investiu em sua formação empresarial e criou a empresa Didara, em 1986, com influência da cultura afro-brasileira; desde 2013, com a marca Goya Lopes Design Brasileiro, expandiu as suas inspirações para a diversidade brasileira.

Figura 3 – Livro Imagens da Diáspora. Estampas Alegria e Tambores



Fonte: As autoras (2023).

Goya Lopes é uma artista relevante cujo trabalho certamente continuará a inspirar e impactar gerações futuras, com sua obra marcada por uma habilidade técnica excepcional, com sua visão única do mundo e sua paixão pela experimentação artística, presente em seus retratos e paisagens que exibem uma riqueza de detalhes e uma expressividade emocional que conduz o espectador para dentro da cena retratada. Isso está presente e

manifestado em seus estudos mais tradicionais da figura humana como também em suas composições mais abstratas e surreais.

Considerações Finais

Durante o processo de elaboração dessa pesquisa, que teve como ponto de partida a falta de valorização e visibilidade do trabalho de mulheres negras no design brasileiro, chegamos ao reconhecido nome de Goya Lopes. Ela é uma artista e designer de moda aclamada mundialmente, conhecida por seu estilo distinto e tem desempenhado um papel fundamental na valorização e na promoção da cultura afro-brasileira por meio do design. Seu trabalho não apenas celebra a rica herança cultural da Bahia, mas também desafia as normas tradicionais do design, trazendo para o primeiro plano a estética e os valores da cultura negra.

Com suas criações, Goya oferece uma representação poderosa e autêntica da identidade afro-brasileira, contribuindo significativamente para a diversidade e a inclusão no campo do design. A importância do trabalho de Goya Lopes reside também em seu impacto social e cultural. Suas obras servem como fonte de inspiração e orgulho para muitos, especialmente para as mulheres negras, mostrando que é possível alcançar reconhecimento e sucesso em um campo dominado por padrões eurocêntricos.

Com a constatação da escassez de documentação na literatura que comprovasse o destaque de designers negras na história do design no Brasil, este trabalho traz como contribuição acadêmica: (1) Um panorama sobre as mulheres negras na história do design. (2) A importância em reconhecer e valorizar o trabalho e a obra de Goya, usando a sua produção como ponto de partida para a ampliação da representatividade e inclusão de mulheres negras no campo do design.

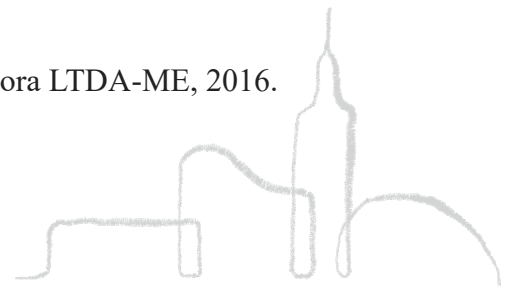
O trabalho de Goya Lopes é, portanto, não apenas uma celebração de sua própria arte, mas um marco na luta por reconhecimento, visibilidade e igualdade para toda a população afro-brasileira, mas em especial para designers negras.

Referências

BRAGA, Marcos. **ABDI e APDINS-RJ**. Editora Edgard Blücher, 2016.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; SALET NOVELLINO, Maria. Alfabetização por raça e sexo no Brasil: evolução no período 1940-2000. **(No Title)**, 2002.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. Ubu Editora LTDA-ME, 2016.



CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. Editora Blucher, 2008.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

Goya Lopes Design Brasileiro; Mina Comunicação E Arte; Solisluna Design Editora. Goya Lopes - Coragem de Criar. [documentário]. Bahia: Fundação Pedro Calmon, 2022. 27 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCI4OwgpbaH6Ur2okN9TILVg>. Acesso em: 05 de julho de 2023.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, p. 193-210, 2015.

IBGE. **Estatísticas de gênero: responsabilidade por afazeres afeta inserção das mulheres no mercado de trabalho**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-denoticias/releases/20232-estatisticas-de-genero-responsabilidade-por-afazeres-afetainsercao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho>> Acesso em: 11 nov 2019.

LOPES, Goya. Goya Lopes—Trajetória de uma criadora. **ModaPalavra e-periódico**, n. 18, p. 20-42, 2016.

MARCONDES, Mariana Mazzini Organizadora et al. Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. 2013.

TRINDADE, Claudia Regina da Silva. Moda, História e Memória na produção de Goya Lopes. 11-14 de Setembro de 2011. VII Colóquio de Moda, Maringá, Paraná.

